ISSN 1413-389X Temas em Psicologia da SBP - 2000, Vol 8 nº 1, 11 - 19

O recasamento e a representação gráfica da família[1]

Adriana Wagner[2]
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Terezinha Féres-Carneiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Objetivou-se conhecer quem os adolescentes de Famílias Originais (FO) e Reconstituídas (FR) consideravam membros de sua família. Participaram 394 sujeitos, de ambos os sexos, que desenharam sua família. Analisou-se a configuração familiar, a proximidade ou o afastamento, a valorização, a desvalorização ou a compartimentalização. Constatou-se que 97,5% dos adolescentes de FO desenharam a família com quem moravam. Em FR, 23,3% desenharam somente a FO, sem integrar nenhum elemento da FR; 45,7% desenharam a FR com quem coabitam; 23,3% desenharam as duas famílias, parcial ou totalmente e 7,6%, outros agrupamentos. Não houve indicação de compartimentalização nos desenhos dos adolescentes de FO e houve 17,7%, em FR. O pai foi a figura que apareceu mais valorizada tanto em FO (65%) como em FR (25%). Concluiu-se que as variáveis coabitação, consangüinidade e tempo de recasamento são importantes na definição dos núcleos recasados.

Palavras-chave: recasamento, desenho da família, adolescência.

Remarriage and the graphic representation of the family

Abstract

The present study aimed to know who was regarded as family members by adolescents both from Original Families (OF) or Remarried Families (RF). Three hundred and ninety four male and female adolescents were asked to draw their families. The drawings were analyzed for the assissment of the family configuration, family proximity or distance among members and the valuation, devaluation or segregation of a certain personage. Results demonstrated that 97.5% of the OF adolescents drew all the family members they lived with. In RF, 23.3% of them drew only their OF members; 45.7% drew the RF members they lived with; 23.3% drew both family members, partially or completely and 7.6% drew other groupings. In the OF adolescents' drawings there was not any kind of family segregation. In the RF family segregation appeared in 17.7% of them. The father was the main figure among valued family members in OF (65%) and RF (25%). It has been concluded that cohabitation, consanguinity and time of remarriage variables related to are important in the definition of remarried families.

Key words: remarriage, drawing of the family, adolescence.

Dentre as diversas formas que o adolescente utiliza para expressar suas percepções, emoções e sentimentos, os registros gráficos comumente reúnem uma riqueza enorme de informações; desde os elementos inconscientes (Féres-Carneiro, 1975; Kwiatkowska, 1975; Van Kolck, 1981), até os da compreensão e do entendimento que ele faz de sua realidade imediata (Cobia e Brazelton, 1994).

---

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Novas configurações conjugais e familiares*, na XXIX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Campinas – SP, outubro de 1999.

2. Endereço para correspondência: Rua Vicente da Fontoura, 2059 ap. 504 Bairro Petrópolis – CEP 90460-003 Porto Alegre – RS. e-mail: wagner@pucrs.br

Agradecimentos aos Bolsistas de Iniciação Científica: Clarisse Mosmann, Renata Dotta (CNPq), Isadora Garcia (FAPERGS), Jefferson Krug (PIBIC-CNPq) e ao Professor Jorge C. Sarriera (PUCRS).
Apoio financeiro FAPERGS.

A partir de tal premissa, as técnicas gráficas têm sido amplamente utilizadas como instrumento de avaliação e diagnóstico de determinadas situações na adolescência. Entre elas, o desenho da família tem sido de grande utilidade para conhecer como o jovem concebe e reconhece a sua família em termos de papéis, poder, autoridade, alianças etc. (Wagner e Bandeira, 1996). Avaliando a representação gráfica que o adolescente faz da sua família, pode-se obter não apenas a compreensão do conteúdo simbólico projetado (Berger, 1994; Corman, 1979; Cunha, Raymundo e Freitas, 1993; Hammer, 1981; Klepsch e Logie, 1984; Morval, 1974; Ortega e Santos, 1987), como também do aspecto formal e estrutural. Esta técnica mostra-se útil e eficaz, ainda, para a compreensão de tais componentes em qualquer configuração e contexto familiar (Féres-Carneiro, 1993).

Cada vez mais se torna importante aprimorar as técnicas que favoreçam conhecer a realidade das famílias, já que aquelas variáveis que antes definiam com facilidade o núcleo familiar de uma criança ou de um adolescente, tais como a consangüinidade e a coabitação, atualmente, passaram a ser em maior número e complexidade, principalmente no que se refere às famílias constituídas por um segundo casamento.

Alguns estudos já demonstraram que a visão da estrutura e configuração de uma família recasada não é a mesma para todos os seus membros e que a definição de família varia de pessoa para pessoa (Penso, Costa e Féres-Carneiro, 1992; Wagner e Bandeira, 1996). Tal definição está vinculada à complexa rede de relações estabelecidas após o divórcio e o recasamento (Gross, 1986).

A entrada de novos membros no contexto das famílias recasadas provoca mudanças nas relações interpessoais e faz com que esses núcleos passem a ter dinâmicas de funcionamento diferentes daqueles denominados núcleos originais ou intactos (Wagner, Halpern e Bornholdt, 1999). As figuras e os padrões de autoridade, os papéis, o poder, as estratégias educativas e o processo de comunicação, entre outros, são aspectos que sofrem importantes transformações (Carter e Mcgoldrick, 1995; Wagner, Sarriera, Falcke e Silva, 1997).

A forte delimitação das fronteiras de intimidade do subsistema conjugal, junto ao surgimento de uma figura parental adicional (padrasto ou madrasta) traz, inevitavelmente, mudanças nos limites entre os subsistemas paterno e filial. A nova convivência diária, muitas vezes, em diferentes territórios ou com diferentes membros, junto ao desejo dos filhos em unir seus pais novamente, pode gerar sentimentos de perda das figuras parentais nos adolescentes (Maldonado, 1989).

Nesta reorganização familiar, as questões relativas ao poder e à autoridade também sofrem alterações, se comparadas ao modelo intacto. Wagner, Halpern e Bornholdt (1999), perguntaram a adolescentes de diferentes configurações familiares quem dava ordens em casa, apresentando seis opções para escolha múltipla (pai, mãe, padrasto, madrasta, o próprio sujeito e outros). A figura da mãe (89%) assim como a do pai (80%) foram apontadas quase que igualmente em termos de freqüência das respostas por adolescentes de famílias intactas. A partir desse dado, os pesquisadores puderam concluir que o poder nestas famílias se dividia de forma equânime entre as figuras de pai e mãe. Entretanto, nas famílias recasadas, a mãe foi a figura de destaque(75%), comparativamente à figura do pai(19%), ou seja, a mãe foi apontada quatro vezes mais que o pai. Esses dados também podem ser entendidos a partir do novo contexto da mulher. A pesquisa publicada pelo jornal "Folha de São Paulo" (Família, 1998) revela que, atualmente, além de realizar as tarefas clássicas de cuidado e educação dos filhos, a mulher ganhou mais autoridade à medida que se tornou umas das principais fontes de renda familiar. Ela é quem tem se responsabilizado pela disciplina e sustento dos filhos, principalmente nos núcleos recasados (Wagner e cols., 1997; Wagner, Halpern e Bornholdt, 1999).

Outros dados (Wagner e cols., 1997) também demostraram que os adolescentes de famílias recasadas percebem a figura do pai como pouco afetiva e colaboradora e menos implicada com a disciplina, quando comparada com núcleos os intactos. O fato de mais de 70% dos jovens coabitarem com as mães faz com que a figura materna também assuma funções de poder e

disciplina. Estas dife renças aparecem corroboradas na representação gráfica que os adolescentes, de distintas configurações familiares, fazem de suas famílias. Aqueles que coabitam em núcleos intactos tradicionais tendem a valorizar a figura do pai em seus desenhos. Em contrapartida, os de famílias recasadas valorizam mais freqüentemente a figura materna (Wagner e Bandeira, 1996).

Nos núcleos recasados, no que se refere à integração dos novos membros, o padrasto, a madrasta, outros jovens ou crianças, os filhos desse padrasto ou da madrasta, ou ainda novos irmãos nascidos desta união, considera-se que são elementos que, com o tempo, podem passar a fazer parte ou não da composição familiar do adolescente. A literatura aponta que essa incorporação parece passar por diferentes etapas evolutivas de maturação e que o ajuste dos filhos ao recasamento está relacionado com a idade dos mesmos (Teyber, 1995; Wagner e Bandeira, 1996). Os estudos de Wallerstein e Kelly (1998) concluíram que as crianças de idade inferiores a oito anos conseguem se vincular mais cedo ao padrasto do que os filhos mais velhos, por exemplo. Outras pesquisas concluíram, por sua vez, que os filhos adolescentes apresentam maiores dificuldades relacionadas ao ajustamento da nova família (Barber e Lyons, 1994; Carter e McGoldrick, 1995; Fine, Donnety e Voydanoff, 1991).

Entre os fatores que auxiliam o processo de ajuste à estrutura e a incorporação da nova configuração familiar, devem ser considerados o tempo e o ritmo dos sujeitos envolvidos. Dados de pesquisas demostraram que o nível de bem-estar psicológico dos filhos relacionava-se de forma significativa com o tempo de recasamento dos pais (Wagner, Ribeiro, Arteche e Bornholdt, 1999). Os jovens cujos pais estavam recasados por um período de seis meses a seis anos apresentaram um nível de bem-estar entre bom e muito bom.

Desde os primeiros estudos sobre a separação conjugal, encontram-se, sistematicamente, os registros do sofrimento dos filhos, de sensação de perda fracasso de perda após o divórcio dos pais. Entretanto, apesar desse sofrimento e independentemente da idade, os filhos se beneficiam quando, com o passar do tempo, percebem melhor qualidade vida de seu pai ou mãe com o novo cônjuge (Wagner, Ribeiro, Arteche, e Bornholdt, 1999). Isso também ocorre à medida que os filhos sentem-se assegurados dos cuidados e da proteção de seus progenitores para com eles (Wagner e cols.,1997).

A partir dessas premissas, neste trabalho, temos o objetivo de identificar e descrever como os adolescentes oriundos de diferentes configurações familiares representam a sua família. Buscamos também analisar as possíveis relações entre as diferentes variáveis, tais como, o tipo de agrupamento familiar ao qual o adolescente pertence – original ou reconstituído –, o tempo em que os seus pais se encontram recasados, a idade do sujeito e a forma como eles configuram as suas famílias.

MÉTODO

Amostra

Participaram deste estudo 394 adolescentes, 203 do sexo masculino e 191 do sexo feminino, de idades entre 12 e 17 anos. A amostra dividiu-se em dois grupos, 197 de famílias originais (FO) e 197 de famílias reconstituídas (FR). O estudo foi realizado em 106 escolas públicas e 91 particulares de Porto Alegre, de nível sócio-econômico médio. Entre os sujeitos, 242 estavam cursando o segundo grau e 152 o primeiro grau.

A média de idade dos pais dos sujeitos foi de 50 anos. O nível de escolaridade ficou assim distribuído: entre as mães, 20,8% possuíam até o primeiro grau completo; 31,7% até o segundo grau completo e 47,4% até o terceiro grau completo. Em relação aos pais dos sujeitos, 19,5% possuíam até o primeiro grau completo, 26,6% até o segundo grau completo e 53,7% até o terceiro grau completo.

Considerou-se família original ou intacta aquela "composta por pai, mãe e filhos biológicos". As famílias reconstituídas foram consideradas como aquelas nas quais "os pais estavam separados dos seus primeiros cônjuges (oficial ou não oficialmente) e já mantinham, por um período mínimo de seis meses, uma relação estável com outro(a) companheiro(a), coabitando em domicílio conjugal na companhia de seus filhos do primeiro casamento" (Wagner e Bandeira, 1996).

Instrumento e procedimentos

Primeiramente, solicitou-se aos sujeitos que preenchessem individualmente um questionário com os dados biodemográficos, o qual identificava o adolescente e caracterizava a sua família quanto à configuração familiar e determinados padrões de relacionamento.

Posteriormente, solicitou-se que o sujeito desenhasse individualmente a "sua" família. A indicação de desenhar a "sua", em lugar de "uma família" (Morval, 1974), sugerida por Porot, em 1952 (conforme citado por Ortega, 1981), privilegia o conhecimento da realidade imediata do sujeito. Desse modo, pode-se obter uma maior compreensão sobre quem o adolescente considera como membros pertencentes à sua família.

Foram oferecidos aos sujeitos os seguintes materiais: folha branca tamanho ofício, lápis nº 2 e borracha. Concluído o desenho, foi solicitada aos jovens a identificação de cada personagem, indicando o grau de parentesco e a idade. Também foi observada a ordem na qual os personagens foram desenhados, para posterior análise.

RESULTADOS

A análise do Desenho da Família foi efetuada a partir dos aspectos estruturais e formais do desenho sugeridos por Corman (1979) e utilizada por outros autores como Cunha e cols. (1993) e Wagner e Bandeira (1996). Para tanto, foram avaliados de forma descritiva, fazendo-se o levantamento das médias, freqüências e porcentagens das respostas referentes aos seguintes aspectos: a configuração familiar, a proximidade/afastamento, a compartimentalização, a valorização e a desvalorização. Também utilizou-se o teste estatístico do quiquadrado, a fim de comparar as distribuições observadas das respostas entre os adolescentes de FO e de FR, considerando um nível de significância menor ou igual a 0,05.

Configuração familiar

Neste item consideram-se aquelas pessoas desenhadas pelo adolescente como sendo da sua família, já que a proposta feita (*"desenha a tua família"*) sugeria que o jovem desenhasse aqueles personagens que ele considerava como integrantes do seu núcleo familiar. As configurações que emergiram do levantamento dos dados foram categorizadas em sete grupos: G1– Desenho da família original completa; G2 – Desenho da família reconstituída com a qual coabita; G3 – Desenho da família reconstituída com a qual coabita e alguns membros da família original; G4 – Desenho da família original completa e alguns membros da reconstituída; G5 – Desenho das duas famílias reconstituídas (do pai e da mãe) completa; G6 – Desenho do casal; G7 – Outros agrupamentos.

Dentre os adolescentes de FO, 97,5% desenharam a família original completa, ou seja, o grupo 1. É curioso observar a diversidade de agrupamentos que aparecem como definição de família para os adolescentes que habitam núcleos recasados, quando

Tabela 1. Os diferentes agrupamentos desenhados por adolescentes das famílias reconstituídas.

Grupos	Freqüências	%
G1 - Desenho da família original completa	46	23,4
G2 - Desenho da família reconstituída com a qual coabita	90	45,7
G3 - Desenho da família reconstituída com a qual coabita e alguns membros da família original	20	10,2
G4 - Desenho da família original completa e membros da reconstituída	10	5,1
G5 - Desenho das duas famílias reconstituídas (do pai e da mãe) completas	16	8,1
G6 - Desenho do casal reconstituído	11	5,6
G7 - Outros agrupamentos	04	2,0
TOTAL	197	100

comparados aos adolescentes de FO. Pode-se observar, na Tabela a seguir, a distribuição dos grupos em FR.

Nota-se que a grande maioria (75%) dos jovens que têm a experiência do recasamento de seus pais passa, de alguma forma, a integrar como "*da família*" os novos membros (madrasta, padrasto, filhos dos padrastos ou das madrastas, entre outros).

Este dado aparece na Tabela 2, onde se agrupou as sete configurações descritas (Tabela 1), conforme os sujeitos integravam algum elemento da nova família reconstituída do pai ou da mãe.

Tabela 2. A configuração familiar, segundo o critério integração de membros da FR do pai ou da mãe.

Grupos	F	%
I – Desenho da FO, sem a integração de nenhum elemento de FR	46	23,4
II – Desenho da FR com quem coabita, sem representar os demais membros da FO	90	45,7
III – Desenho dos membros das duas famílias de forma total ou parcial	46	23,3
IV – Outros	15	7,6
TOTAL	197	100

Parece que o critério coabitação é preponderante para o jovem definir quais são os elementos de seu núcleo familiar, já que um alto percentual de sujeitos (45,7%) desenha os membros com os quais vive.

A fim de verificar a associação entre o tempo em que os pais se encontram recasados com seus novos cônjuges e a integração que o adolescente faz dos novos membros no seu núcleo familiar, aplicou-se o teste do quiquadrado. A partir deste procedimento, pode-se observar que é significativamente maior o número de jovens que integra os membros da família reconstituída no seu desenho quando a mãe (p=0,03) já se encontra recasada com o padrasto por um período de dois a seis anos. Este resultado tende a se repetir também com relação à figura paterna (p=0,09). Entretanto, não se encontrou associação entre a idade do sujeito e a forma como este configurava a sua família.

A partir desses dados pode-se observar que a variável tempo de reconstituição familiar, no caso, maior que dois anos, parece ser muito relevante se considerarmos que outros dados (Wagner, Ribeiro, Arteche, e Bornholdt, 1999) evidenciaram um bom e muito bom nível de bem-estar entre adolescentes, quando os pais já se encontravam recasados por um período entre dois e seis anos.

Proximidade/afastamento

A variável "proximidade/afastamento" foi considerada como a distância entre os membros da família, em geral, e entre o casal desenhado pelo ado-

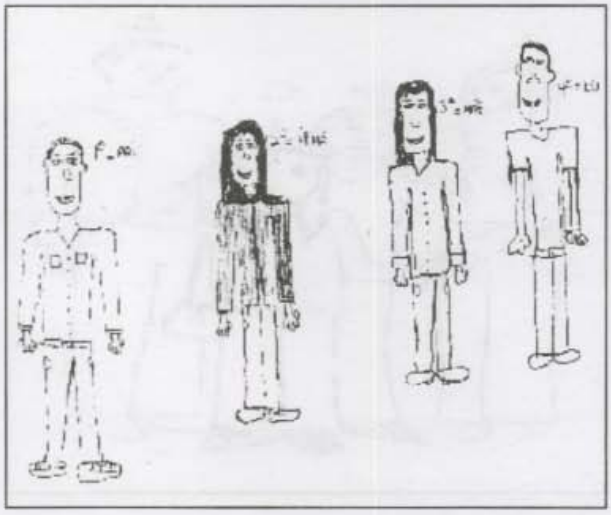

Figura 1. Completamente afastados.

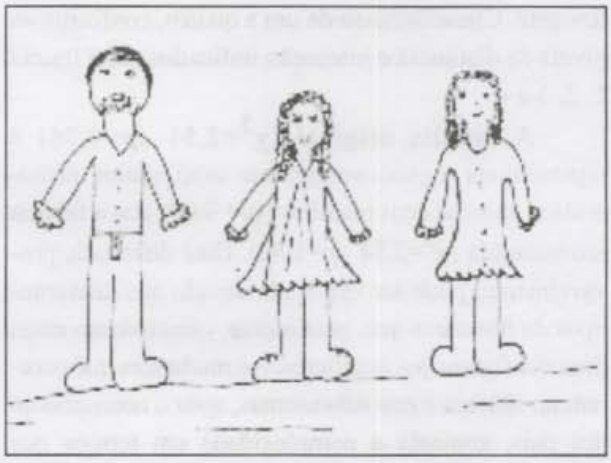

Figura 2. Afastados, sem interação no olhar, frieza.

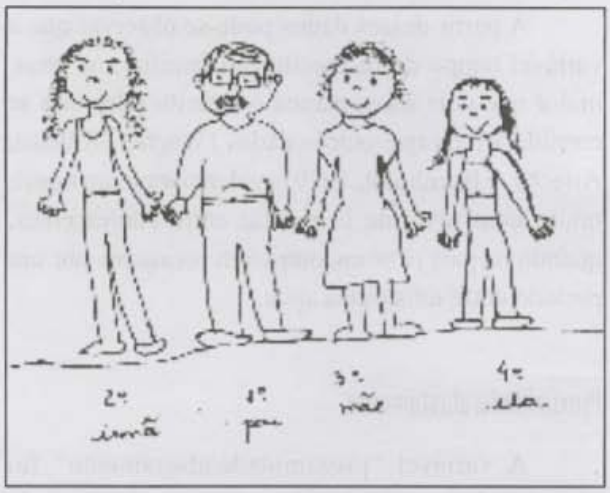

Figura 3. Sem contato físico, expressando interação.

Figura 4. Próximos, com contato físico.

lescente. Classificou-se de um a quatro, conforme os níveis de distância e interação indicados nas Figuras 1, 2, 3 e 4.

A família original (χ^2=2,51 *dp*=0,76) é representada significativamente com maior proximidade entre os seus membros (*p*= 0,00) que a família reconstituída (χ^2=2,34 *dp*=1,82). Essa diferença, provavelmente, pode ser explicada devido aos diferentes tipos de fronteiras que, geralmente, caracterizam essas duas configurações familiares. As mudanças que ocorrem no sistema e nos subsistemas, após o recasamento dos pais, aumenta a complexidade em termos dos papéis e das relações que se estabelecem nestas famílias.

Entretanto, é importante observar que os adolescentes de ambas as configurações, em média, representam os membros de suas famílias afastados, sem contato físico.

Considerando-se somente a distância entre os membros do casal parental, os pais de FO (χ^2= 2,36 *dp*=1,02) são representados significativamente (*p*=0,00) mais próximos que os de FR (χ^2=1,82 *dp*=0,94).

Soma-se a esse resultado a constatação de que os pais (casal) da FO são os que aparecem mais próximos (χ^2=2,36 *dp*=1,02), seguidos do casal reconstituído (marido e mulher) em FR (χ^2=2,15 *dp*=1,06) e, por último, o casal parental (pais) de FR (χ^2=1,8 *dp*=0,94).

Compartimentalização

Compartimentalização foi considerada quando alguma linha, traço ou objeto separava um ou mais personagens dos demais membros da família. Esta característica não foi encontrada em nenhuma das famílias desenhadas por adolescentes da FO. Entre os adolescentes da FR, apenas 17,7% compartimentalizaram algum membro das suas famílias.

A ruptura do vínculo familiar ocorrida nessas famílias, desse modo, fica expressa através da compartimentalização encontrada em alguns desenhos de adolescentes da FR.

Valorização

Considerou-se valorização de algum personagem quando este se apresentava ressaltado frente aos demais, ou por sua localização privilegiada, ou pelo traçado mais detalhado do desenho, ou ainda por estar num plano mais elevado. Para fins de análise, considerou-se, no máximo, um membro valorizado em cada desenho. Neste caso, pontuou-se, como membro valorizado, aquele que reunia o maior número das características citadas anteriormente.

Entre os adolescentes da FO que valorizaram algum membro, o pai foi o mais valorizado (65%), seguido da mãe (17%). Nos desenhos da FR onde apareceu algum membro valorizado, o pai (25%) também foi quem alcançou maior índice, seguido da mãe (18%), do padrasto (15%) e da madrasta (5%).

Desvalorização

Pontuou-se como desvalorização o personagem que aparecia representado graficamente depreciado, a partir dos seguintes critérios: por omissão, diminuição de tamanho, localização distanciada dos demais, representação mais descuidada e menos detalhada. Estipulou-se que, no máximo, um membro de cada desenho fosse considerado desvalorizado.

Encontrou-se um índice de 8% de personagens desvalorizados em FO e de 16% em FR. Entre aqueles mais desvalorizados em FO, o próprio sujeito aparece com um índice de 43%, seguido de outros personagens (31%) e, por último, as Figuras de pai e mãe (25%).

Entre os sujeitos da FR, o pai e a mãe (21%) aparecem com o mesmo índice de desvalorização que o padrasto e a madrasta (21%), seguidos do sujeito (18%). Nestas famílias, o maior índice de desvalorização apareceu relacionado à categoria outros (37%).

DISCUSSÃO

A partir dos resultados encontrados, pode-se perceber que o desenho da família mostrou-se um instrumento eficaz para a avaliação da percepção que os adolescentes têm de sua constituição familiar.

As transformações sociais que têm influenciado o núcleo familiar nas últimas décadas determinam, sem dúvida, diferentes concepções de família, nas quais pudemos observar que a coabitação e a consangüinidade ocupam um lugar relevante. O tempo de recasamento dos pais mostrou-se uma importante variável para o ajuste do adolescente e a incorporação de mudanças na estrutura de sua configuração familiar.

Essas mudanças também aparecem refletidas na dimensão proximidade/afastamento. Os filhos da FO percebem suas famílias mais aproximadas que os filhos da FR. Assim, a delimitação das fronteiras tende a ser mais definida nas famílias originais e mais difusa entre os membros da família reconstituída (Maldonado, 1989). Pode-se supor que, pelo fato de as fronteiras serem menos claramente demarcadas nas famílias reconstituídas, seus membros não se aproximem muito uns dos outros como uma estratégia defensiva para preservar a sua individualidade (Féres-Carneiro, 1998). Quando as fronteiras são bem nítidas, como ocorre nas famílias originais, a ameaça de invasão é menor e a proximidade pode ser vivenciada com mais espontaneidade.

Entretanto, o fato de os adolescentes, tanto da FO quanto da FR, representarem em média suas famílias afastadas e sem contato físico, pode estar evidenciando o desejo da autonomia, característico da adolescência.

No que se refere ao casal parental, observa-se a predominância do critério de conjugalidade e da relação amorosa sobre o da parentalidade, na representação que os sujeitos fazem destes personagens. Isto é, os pais de famílias reconstituídas são aqueles representados de forma mais afastada que os demais pares casados, no caso, o par conjugal da FO e o casal reconstituído. Desde uma perspectiva de auto-regulação, pode-se pensar que a mudança ou ruptura no vínculo conjugal pode também estar afetando, de alguma forma, o subsistema parental. Parece que a distância entre os pais, percebida pelos adolescentes da FR, além de expressar aspectos da sua realidade imediata, como a ruptura da união conjugal, também pode estar expressando o enfraquecimento dos papéis parentais. Nesse sentido, outros estudos indicam uma diminuição do poder do pai frente ao adolescente (Wagner e cols., 1997), assim como o envolvimento da mãe com outras funções e papéis (Família, 1998; Wagner, Halpern e Bornholdt, 1999).

A dimensão valorização/desvalorização também reflete importantes aspectos relativos à autoridade e ao poder na estrutura familiar dos diferentes

grupos. Nota-se que a distribuição de membros valorizados é maior na amostra da FR que na da FO. Esse dado pode estar refletindo a maior riqueza e complexidade da rede social dos adolescentes da FR (Gross, 1986). A integração de novos membros em seu núcleo familiar, como o padrasto ou a madrasta, amplia o número e a possibilidade de diferentes modelos de identificação e idealização para o adolescente.

Entretanto, é curioso observar que a figura paterna é a mais valorizada nas duas configurações familiares. Isto contrasta com outros dados de pesquisa (Wagner e cols., 1997), onde foi demonstrado que, em FR, o pai aparece com menos poder, mais ausente, pouco afetivo e colaborador. Parece, então, que a idealização desta figura, expressa pela valorização no desenho de FR, poderia indicar a carência da presença deste membro de forma mais atuante na vida desses jovens, que estariam, assim, idealizando e valorizando o que desejam, porém não possuem.

É curioso também observar que, independente da configuração familiar, o item valorização concentrou-se nas figuras parentais. Em função disso, pode-se pensar que, nesta fase do ciclo vital, os pais ainda assumem a posição de liderança e de poder frente aos adolescentes, principalmente devido ao vínculo de dependência que os jovens ainda possuem em relação a eles.

Embora as pesquisas anteriores tenham apontado a figura paterna como mais periférica e ausente em FR, o pai foi a figura mais valorizada, tanto nesses núcleos como em FO. Nesse caso, evidencia-se ainda um modelo clássico patriarcal na estrutura das famílias originais. Entretanto, parece que os sentimentos de perda dessa figura nos núcleos reconstituídos leva à idealização da mesma.

Independente do tipo de configuração familiar, as figuras de pai e mãe são, ao mesmo tempo, as mais valorizadas e menos desvalorizadas, provavelmente devido às necessidades de idealização e identificação inerentes à fase adolescente. Nota-se, entretanto, que, nos núcleos reconstituídos, existe maior distribuição das figuras valorizadas pelos jovens. Esse dado leva a pensar na possibilidade de maior riqueza e complexidade da rede social desses sujeitos que, por circunstâncias de suas famílias, encontram-se com mais opções de modelos de idealização e identificação.

O alto índice de desvalorização encontrado com relação ao próprio sujeito, pode ser relacionado a mudanças físicas e emocionais características da adolescência, que, freqüentemente, provocam no jovem sentimentos de insegurança e de baixa auto-estima.

Retomando os objetivos iniciais deste trabalho, pode-se concluir que as variáveis coabitação, consangüinidade e tempo em que os pais se encontram recasados parecem ser bastante importantes na definição dos núcleos reconstituídos, desde a percepção dos filhos adolescentes, independentemente da idade em que eles se encontram.

Estes são dados que, obviamente, não contemplam toda a dimensão do fenômeno em estudo, porém pensamos que compreender melhor as transformações pelas quais a família vem passando e a conseqüente diversidade das constituições familiares contemporâneas é, sem dúvida, uma maneira importante de contribuir para a construção de modelos clínicos mais contextualizados de atendimento ao casal e à família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barber, B. L. e Lyons, J M. (1994). Family processes and adolescent adjustament in intact and remarried families. *Journal of Youth and Adolescence, 23*, 421-436.

Berger, R. (1994). Children draw their stepfamilies. *Journal of Family Psycotherapy, 5*, 33-48.

Carter, B. e McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Cobia, D. C. e Brazelton, E. W. (1994). The aplication of family drawing tests with children in remarriage families: Understanding familial roles. *Elementary School Guidance and Couseling, 29*, 129-136.

Cormam, L. (1979). *O desenho da família.* São Paulo: Mestre Jou.

Cunha, J. A.; Raymundo; M. G. B. e Freitas, N. K. (1993). Técnicas projetivas gráficas. Em J. A. Cunha (org.), *Psicodiagnóstico-R* (pp. 377-398). Porto Alegre: Artes Médicas.

Família. (1998, setembro, 20). *Folha de São Paulo*. Especial A1. São Paulo.

Féres-Carneiro, T. (1975). Terapia familiar: Teoria e técnica através do estudo de um caso. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 27*, 77-84.

Féres-Carneiro, T. (1993). Avaliação da família. Em J.A.Cunha (org.), *Psicodiagnóstico-R*_(pp.130-134). Porto Alegre: Artes Médicas.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica,11*, 379-394.

Fine, M.; Donnety, B. e Voydanoff, P. (1991). The relation betweem adolescent's perception of their family lives and this adjustment in stepfather families. *Journal of Adolescents Research, 6*, 423-436.

Gross, P. (1986). Definig post-divorce remarriage families: A typology based on subjective perceptions of children. *Journal of Divorce, 10*, 205-217.

Hammer, E. (1981). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana.

Klepsch, M. e Logie, L. (1984). *Crianças desenham e se comunicam: Uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kwiatkowska, H. (1975). *Instruções para conduzir sessões de arte-diagnóstico familiar*. Rio de Janeiro: PUC-RIO.

Maldonado, M. T. P. (1989). *Maternidade e paternidade*. Petrópolis: Vozes

Morval, M. (1974). Interpretation of the draw a family. *Revue de Psycologie et des Sciences de l'Education, 9*, 457-473.

Ortega, A.C. (1981). O desenho da família como técnica de investigação psicológica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 33*, 73-81.

Ortega, A. C. e Santos, M. P. (1987). O desenho da família como técnica de investigação psicológica: Influências da idade, sexo e ordem de nascimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 3*, 239-249.

Penso, M. A.; Costa, L. F. e Féres-Carneiro, T. F. (1992). Reorganizações familiares: As possibilidades de saúde a partir da separação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 8*, 495-503.

Teyber, E. (1995). *Ajudando as crianças a conviver com o divórcio*. São Paulo: Nobel.

Van Kolck, O. (1981). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Wagner, A. e Bandeira, D. (1996). O desenho da família: Um estudo sobre adolescentes de famílias originais e reconstituídas. *Coletâneas da ANPPEP: Família e Comunidade, 1*, 115-126.

Wagner, A.; Halpern, S. C. e Bornholdt, E. (1999). Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e recasadas. *Revista Psico, 30*, 63-74.

Wagner, A.; Ribeiro, L.; Arteche, A. e Bornholdt, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 12*, 147-156.

Wagner, A.; Sarriera, J.C.; Falcke, D. e Silva, C.B. (1997). La relación de los adolescentes com sus famílias: Un estudio comparativo entre familias de origen y reconstituidas. *Cuadernos de Terapia Familiar, 35/36*, 119-129.

Wallerstein, J. S. e Kelly, J. B. (1998). *Sobrevivendo à separação: Como os pais e filhos lidam com o divórcio*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Recebido em: 30/10/99
Aceito em: 13/03/01